



CASA GENERALIZIA CARMELITANI SCALZI
CORSO DITALIA, 38
00198 ROMA

Um desejo em tempos de tribulação

Queridos irmãos e irmãs no Carmelo:

O que temos experimentado mais ou menos em todo o mundo desde há algumas semanas pode-se definir sem dúvida como uma prova. No Novo Testamento, há uma palavra *thlipsis*, que geralmente é traduzida por “tribulação”, que talvez nos ajude a dar nome ao que estamos a experimentar. Não me refiro somente a um nome científico (como a pandemia de COVID-19) ou a um nome que expressa a nossa reação imediata (como emergência, guerra, calamidade), mas a um nome que nos devolve à história da salvação, à verdade de um Deus que falou aos homens, que se fez homem e continua a caminhar com os filhos dos homens.

O risco, efetivamente, é enfrentar este momento tão sério e importante, seja prescindindo por completo da fé ou, pelo contrário, recorrendo a uma religiosidade que tem pouco a ver com o Deus revelado em Jesus Cristo. O Papa Francisco advertiu-nos: "Não desperdicem estes dias difíceis!" É normal que cada um de nós, como cada cidadão responsável, siga escrupulosamente as regras para evitar a propagação do contágio, aceite generosamente os pequenos sacrifícios que isto implica e faça o que estiver ao seu alcance para ajudar os outros e criar em seu redor um clima de paz e humanidade. É igualmente normal que como crentes, recorramos a Deus orando pelos doentes, por aqueles que os ajudam, pelos muitos falecidos, pelos cientistas dedicados à procura de uma vacina, por todos aqueles que estão em condições de pobreza devido à crise económica. No entanto, há um nível mais profundo, que tem a ver com uma leitura crente da história, com a presença de Deus no meio das tribulações e provações da humanidade. É um nível em que talvez prefiramos não entrar e permanecer em silêncio. O silêncio é de ouro quando é o espaço para a reflexão, a busca interior, a escuta em profundidade. No entanto, não é o caso quando é consequência de uma inércia do espírito e de um bloqueio do pensamento, quando nos limitamos a ingerir doses maciças de informação, sem as assimilar, avaliar e processar. Informação que não nos forma, mas que nos invade e nos dominam.

Portanto, é justo perguntarmos-nos: temos uma palavra que provenha do silêncio da meditação e que nos ajude para este tempo? Uma palavra crente e orante que nos possa guiar, que seja "lâmpada para os nossos passos e luz para os nossos caminhos"? Confesso que, diante de questões deste tipo, a resposta espontânea seria simplesmente: não, pelo menos por enquanto não a temos, e o reconhecimento desta pobreza já seria mais verdadeiro e mais valioso do que muitos discursos fáceis e às vezes enganosos. No entanto, não podemos permanecer tranquilos e ociosos quando nos falta essa luz e é nosso dever caminhar e acompanhar outras pessoas ao longo do caminho. Se nos preocupamos apenas com a emergência sanitária e a consequente crise económica, "o que estamos a fazer de extraordinário? Não fazem o mesmo os pagãos?" (Mt 5,47). A nós é-nos pedido algo mais: "buscar gemendo", como disse Blaise Pascal, implorar, bater à porta sem nos cansarmos até que um raio de luz, um flash do céu se abra para nós e nos permita andar na verdade.

Com este espírito, volto à palavra do Novo Testamento: *thlipsis*, tribulação. Para começar, uma tribulação não é uma coisa boa, não é uma graça. Os seus sinónimos são: angústia, perseguição, fome, nudez, perigo (Rom 8, 35). Existe uma força de morte que funciona em todas as formas de tribulação e essa força põe-nos à prova, empurra-nos para a tentação, colocando-se entre nós e Cristo, entre a nossa humanidade débil e ferida e a força da Sua vida ressuscitada. A sombra da morte que o poder da tribulação projeta sobre cada um de nós é tal, que obscurece a visão d'Aquele que está mais além. Manter-nos-íamos separados da luz e da vida se nessa mesma sombra, nessa mesma morte não houvesse um vestígio, uma presença de vida. A tribulação, de fato, é sempre para o cristão o lugar pelo qual Cristo passou, ou melhor, por onde Cristo continua a passar e nos conduz à luz da Páscoa. Quando dizemos que fomos salvos, que acreditamos na salvação, acreditamos concretamente nisto: que o mal, a morte, já estão definitivamente derrotados. Mas também dizemos algo mais difícil de aceitar e, acima de tudo, de viver e testemunhar, a saber, que o encontro com a vida ressuscitada supõe sempre passar pelo mal e pela morte. A tribulação permanece o que é: experiência de dor e angústia, de perplexidade e aflição, mas à força que empurra para baixo, que esmaga e oprime, opõe-se uma força que empurra para a frente e para cima, atraindo e levantando. Toda a força negativa, humilhante e aniquiladora da tribulação consiste na tentação de nos separarmos de Cristo. E certamente cederíamos a essa tentação se a tribulação não fosse tribulação do corpo de Cristo. Se não fosse ferida do seu Corpo Crucificado e Ressuscitado, não seríamos salvos nem poderíamos sair vitoriosos da luta; mesmo que amanhã, como que por de magia, a pandemia terminasse, mesmo que tudo magicamente recomeçasse como se nada tivesse acontecido, não estaríamos salvos.

Na *thlipsis*, há um movimento para a frente, como se em determinado momento a história desse um salto, uma aceleração em direção ao futuro. Creio que um dos elementos de consolação na tribulação (cf. 2 Cor 1, 4) é precisamente este: ser capaz de perceber a abreviação do tempo, o acercar-se do Reino. Podemos escutar, no silêncio deste tempo de emergência, aquele "silvo do pastor" quase impercetível e que, no entanto, tem a força de nos levar de regresso a Ele e a nós mesmos n'Ele (cf. 4 Moradas 3, 2)?

Neste momento estamos confinados em casa, não temos liberdade de movimento. É particularmente difícil não poder celebrar a Eucaristia com os fiéis, ouvir confissões, ungir os doentes, celebrar o funeral dos muitos falecidos, acompanhar as famílias. Se nas epidemias do passado, religiosas e religiosos, padres e bispos estiveram na vanguarda, junto com os que sofriam, hoje isso não é possível. Estamos chamados a dar um passo atrás e a deixar espaço para médicos, enfermeiros e voluntários, que são os verdadeiros heróis desta pandemia do Terceiro Milénio. Eles recebem aplausos, gratidão e admiração das pessoas, como corresponde. Deveria isto preocupar-nos? A Igreja perde visibilidade e talvez até credibilidade? Há quem o pense e fale de decadência e subordinação da Igreja às autoridades civis. Entendo a amargura, compreendo o desconforto, mas porque é que esquecemos constantemente que os caminhos do Senhor não são os nossos caminhos e que os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos? "Sem dúvida é uma grande graça receber os sacramentos; mas quando o bom Deus não o permite, também está bem, tudo é graça" (Teresa do Menino Jesus, Caderno Amarelo, 5.6.4). Porque é que continuamos a pensar que a Igreja deve impor-se no mundo com a força e a sabedoria do mundo? Se hoje nos é dada a oportunidade de viver um tempo de *kenosis*, um tempo de escondimento e perda, porquê rejeitá-lo? Recordei as palavras proféticas que o teólogo Joseph Ratzinger disse há cinquenta anos no rádio sobre o futuro da Igreja:

Da crise de hoje, surgirá amanhã uma Igreja e terá perdido muito. Ficará menor, terá que começar tudo desde o início. Já não poderá encher muitos dos edifícios construídos numa conjuntura mais favorável. Perderá adeptos e, com eles muitos de seus privilégios na sociedade. (...) Mas nessas mudanças que se podem supor, a Igreja encontrará de novo e com toda a determinação o que é essencial para ela, o que sempre foi o seu centro: a fé no Deus trinitário, em Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a ajuda do Espírito que durará até o fim. A Igreja reconhecerá de novo, na fé e na oração, o seu verdadeiro centro e experimentará novamente os sacramentos como celebração e não como um problema de estrutura litúrgica. Será uma Igreja interiorizada, que não suspira por um mandato político e não namoriska com a esquerda nem com a direita. Será muito difícil. De fato, o processo de cristalização e a clarificação custar-lhe-á muitas forças preciosas. A fará pobre, a converterá numa Igreja para dos pequenos. O processo será ainda mais difícil, porque terá de se eliminar tanto a estreiteza de olhares sectários quanto a voluntariedade encorajada.

Ratzinger disse que esta transformação levará tempo, e eu acrescentaria: serão necessárias tribulações para ampliar os nossos pontos de vista e dobrar nossa teimosia. Talvez, também faça parte deste processo, a tribulação que hoje nos cerca e nos encerra, e na qual nos sentimos totalmente impotentes.

As restrições à liberdade de movimento são o aspeto que mais nos impactam, porque nos obrigam a mudar radicalmente os nossos costumes. No entanto, pensando

bem, não é tanto o espaço que nos falta, especialmente nós, frades e freiras, que geralmente vivemos em grandes edifícios, talvez até com um grande jardim. O que nos falta é o tempo. Agora apercebemos precisamente porque o temos demais. O tempo que temos faz-nos descobrir que não sabemos como viver do tempo e no tempo, que perdemos e, portanto, devemos encontrar a dimensão do tempo novamente. Hoje abundam os *runners, joggers, hikers, trekkers ...*, significativamente todos eles, termos de um idioma global, uma *koiné*, que provavelmente nem os anglófonos reconhecem como sua língua materna. Por outro lado, escasseiam os *viatores*, os caminhantes e os peregrinos no tempo. Os olhos do peregrino não estão fixos no caminho, mas na meta; o peregrino não se interessa pelos quilómetros percorridos, mas pelos que faltam para chegar ao lugar para o qual todo o seu ser está orientado. Porque é por isso que ele está a caminho, porque se sente atraído por algo que não está aqui, mas mais além, algo que ele não vê, mas que anseia.

A limitação da deslocação não impede em absoluto este movimento em direcção ao futuro; pelo contrário, poderia promovê-lo e estimulá-lo. Hoje damos-nos conta de que para nós, não nos movermos significa estar sentado no presente como numa caixa vazia e frágil, que para não ceder deve estar cheia de coisas, de objetos concretos, sólidos e apropriados. Esquecemos o sentido da espera, não resistimos ao vazio e à tensão do desejo que surge da espera. De fato, esperar é próprio de quem ama, e não saber esperar significa basicamente não saber amar. Espera, cheia não de objetos, mas do sujeito amado nesse nosso espaço vazio dele. Por esta razão, a espera é também o momento de recordar, de rever a estrutura do tempo para reconhecer os traços, os sinais e as parábolas de quem já veio e virá, ou melhor que esta vindo "para garantir o seu tesouro, o meu tesouro. Sem memória e sem espera, o que restaria de nós próprios, pequenos humanos?

À espera do Ressuscitado, feliz Páscoa a todos!

Roma, 05 de abril de 2020

Savério Cannistrà, OCD

Prepósito Geral